

sentido/referência

sentido/referência (*Sinn/Bedeutung*) Distinção introduzida por Frege (1848-1925) na análise da linguagem. Considere-se o par de frases «Rômulo de Carvalho é Rômulo de Carvalho» e «Rômulo de Carvalho é António Gedeão». A primeira é trivial mas a segunda informativa. No entanto, «Rômulo de Carvalho» refere a mesma pessoa que «António Gedeão». Logo, a diferença informativa detectada entre as duas frases não pode explicar-se unicamente através da referência dos nomes «António Gedeão» e «Rômulo de Carvalho». A solução fregeana do problema consiste em defender que apesar de ambos os nomes não diferirem quanto à referência, diferem quanto ao sentido. O sentido é o modo de apresentação de um objecto associado a um termo, neste caso um nome. Não se deve confundir o sentido (na acepção de Frege) com o SIGNIFICADO. *Ver também BEDEUTUNG*. DM

separação, axioma da *Ver* AXIOMA DA SEPARAÇÃO.

separadamente necessárias, condições Um certo número de condições são separadamente necessárias relativamente a algo quando cada uma delas representa uma condição necessária relativamente a esse algo. Por exemplo, estar em Portugal e estar na Europa são duas condições separadamente necessárias para estar em Lisboa: qualquer uma delas é, separadamente, uma condição necessária para estar em Lisboa. *Ver também* CONDIÇÃO NECESSÁRIA, CONJUNTAMENTE SUFICIENTES, CONDIÇÕES. DM

sequência Uma sequência finita de comprimento n (onde n é um número natural), é uma FUNÇÃO cujo domínio é o conjunto dos números naturais menores que n . É costume apresentar uma tal sequência através da notação $(S_k)_{k < n}$, onde S_k denota a k -ésima entrada da sequência em questão.

Mais geralmente, dado um número ORDINAL λ , uma sequência é uma função cujo domínio é o conjunto dos ordinais inferiores a λ . É costume apresentar uma sequência λ através da notação $(S_\alpha)_{\alpha < \lambda}$. Estas sequências, com λ um ordinal infinito, também são conhecidas por sequências transfinitas. No caso particular em que λ é o menor ordinal infinito (isto é, quando

λ é ω), cai-se na noção de SUCESSÃO. *Ver também* SUCESSÃO, ORDINAL, FUNÇÃO. FF

sequente *Ver* CÁLCULO DE SEQUENTES.

ser *Ver* EXISTÊNCIA.

Sheffer, barra de *Ver* BARRA DE SHEFFER.

significado Saber qual é o significado de uma frase declarativa é saber quais são as suas CONDIÇÕES DE VERDADE, ou seja, saber como é que o mundo deverá ser para que a frase seja verdadeira, pelo que o significado das expressões subfrásicas consiste na contribuição destas para a definição das condições de verdade da frase que integram.

Esta concepção do significado tem a sua raiz na semântica de condições de verdade. Esta última foi explorada por Richard Montague (*ver* GRAMÁTICA DE MONTAGUE) no sentido de se dotar as línguas naturais de uma semântica formal. Tal é conseguido através da atribuição de significados formais a cada item lexical, construídos no quadro da teoria dos conjuntos (*ver* POSTULADO DE SENTIDO), e através da definição de regras que estabelecem a combinação dessas entidades em função da forma como as expressões a que correspondem se encontram sintacticamente combinadas (*ver* COMPOSICIONALIDADE).

Apesar desta concepção do significado se ter tornado a concepção predominante no quadro dos estudos acerca da semântica das línguas naturais, é possível encontrar concepções alternativas, das quais se destaca a que é defendida por Jerry Fodor. Seguindo este autor, e forçando uma síntese das suas teses, o significado de uma expressão consiste na expressão da LINGUAGEM DO PENSAMENTO que lhe corresponde.

Para além do desafio colocado por perspectivas alternativas, a concepção vericondicional do significado enfrenta os desafios colocados pelas suas fragilidades no tratamento de alguns aspectos centrais da semântica das línguas naturais. Essas fragilidades notam-se, entre outros aspectos, no que diz respeito a uma análise satisfatória da distinção EXTENSÃO/INTEN-

SÃO (ver ATITUDE PROPOSICIONAL, DENOTAÇÃO, OPACIDADE REFERENCIAL, SENTIDO/REFERÊNCIA), à elaboração de um modelo empiricamente adequado para o processo de compreensão do significado de enunciados por parte de falantes humanos, com capacidades mentais finitas (ver SEMÂNTICA DE MUNDOS POSSÍVEIS), assim como à elaboração de um modelo do processo dinâmico de interação discursiva entre múltiplos falantes. Ver também CONOTAÇÃO; INDETERMINAÇÃO DA TRADUÇÃO; INTERPRETAÇÃO RADICAL; REFERÊNCIA; REFERÊNCIA, TEORIAS DA; VERDADE DE TARSKI, TEORIA DA. AHB

Chierchia, G. e McConnell-Ginet, S. 1990. *Meaning and Grammar*. Cambridge, MA: MIT Press.

Kamp, H. 1993. *From Discourse to Logic*. Dordrecht: Kluwer.

Lyons, J. 1977. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press.

silogismo O silogismo é uma forma tradicional de inferência em que a conclusão é estabelecida a partir de um par de premissas. Como duas proposições em forma predicativa contêm 4 termos, 2 sujeitos e 2 predicados, o problema de Aristóteles na inferência silogística consiste em determinar a conclusão que se segue do par de premissas quando estas têm um termo em comum — e assim um total de três termos — e tal que a conclusão não contenha o termo comum. Diz-se por isso que o silogismo é a forma de inferência que procede pela eliminação do termo comum. O termo comum às duas premissas chama-se termo médio (representável por M) o predicado da conclusão termo maior (T>) e o sujeito da conclusão termo menor (T<). A premissa maior (respectivamente menor) é aquela em que ocorre o termo maior (respectivamente menor).

O silogismo é representado convencionalmente sob a forma:

Premissa maior
Premissa menor

∴ Conclusão

Se o termo maior e o termo menor de um silogismo são conhecidos, ficam determinados

o sujeito e o predicado da conclusão. Mas fica em aberto qual dos dois termos, M e T<, é sujeito (respectivamente predicado) da premissa menor (e o mesmo se diz de M e de T>). Mas os dois pares de termos, M e T> e M e T< só podem ser combinados sem repetições de 4 maneiras diferentes. Cada uma delas é conhecida pelo nome de figura do silogismo. Usando agora * para a cópula da proposição predicativa e a notação indicada acima as 4 figuras têm o seguinte aspecto:

Figura I	Figura II
M * T>	T> * M
T< * M	T< * M
∴ T< * T>	∴ T< * T>
-----	-----
Figura III	Figura IV
M * T>	T> * M
M * T<	M * T<
∴ T< * T>	∴ T< * T>

Quando um silogismo é atribuído a uma figura, fica determinado qual dos dois termos em cada proposição é o sujeito e qual é o predicado. Mas a qualidade e a quantidade de cada uma das 3 proposições não fica determinada com esta atribuição. Para cada uma das 3 proposições há 4 possibilidades, A, E, I e O de modo que para cada figura existe um total de 4 × 4 × 4 possibilidades. Cada uma delas é conhecida pelo nome de modo do silogismo e assim cada figura tem 64 modos. Nestes termos é possível calcular o número total de combinações que são silogismos como sendo o produto do número de modos pelo número de figuras e assim esse número é 64 × 4.

A inferência silogística é controlada por um conjunto de regras, algumas das quais regulam o uso dos termos e outras o das proposições. Assim o número de termos admissível é 3, o termo médio tem que ter pelo menos uma ocorrência universal e nenhum termo pode ter uma ocorrência universal na conclusão sem a ter tido em pelo menos uma das premissas. O número total de proposições também é 3, de duas premissas negativas não se segue qualquer conclusão e se pelo menos uma premissa é negativa a conclusão tem que ser negativa.

Direcção de
JOÃO BRANQUINHO
DESIDÉRIO MURCHO
NELSON GONÇALVES GOMES

**ENCICLOPÉDIA DE TERMOS
LÓGICO-FILOSÓFICOS**

2005